



## **Comunicação e juventude agroecológica: resistências e transformações frente ao agronegócio e oligarquias midiáticas**

Dagmar Olmo Talga<sup>1</sup> e Gloria Patrícia Piedrahita Sarmiento<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás - UFG, pesquisadora do Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo – GWATÁ/UEG, Documentarista e produtora audiovisual - ESSÁ Filmes. E-mail: [ddtalga@hotmail.com](mailto:ddtalga@hotmail.com). <sup>2</sup>Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás - UFG, Educomunicadora do Curso Técnico em Agroecologia do Projeto “Juventude e Agroecologia: formação participativa de jovens em práticas agroecológicas no Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho”, Pesquisadora do Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo – GWATÁ/UEG. E-mail: [gloriap87@gmail.com](mailto:gloriap87@gmail.com)

**Resumo:** A informação publicada de forma independente nas redes sociais caracteriza pequenas linhas democráticas frente aos grandes meios de comunicação. Com a democratização cada vez maior no ciberespaço, sujeitos midiáticos independentes tendem a crescer e a população deverá ter mais voz ativa na sociedade. Desta maneira, este artigo busca dentro de um referencial metodológico bibliográfico e relatos de atores sociais, apresentar as experiências e as transformações vivenciadas junto a jovens do campo, em sua maioria assentados da reforma agrária, a partir do Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo (GWATÁ) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), dentro do Curso Técnico em Agroecologia do Projeto “Juventude e Agroecologia: formação participativa de jovens em práticas agroecológicas no Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho”, na disciplina: Comunicação e Novas Mídias Sociais, realizado na Escola Família Agrícola (EFAGO), na Cidade de Goiás - GO. Refletindo assim uma educação agroecológica da comunicação e seus meios midiáticos, frente à hegemonia do capital globalizado.

**Palavras-chave:** Agroecologia; Educação Agroecológica; Mídias independentes; Sujeitos sociais midiáticos.



## 1. Introdução

A concentração da terra hoje no Brasil determina sua utilização, sua função social e sua existência. O campo rural brasileiro é hoje o lugar imbricado, assolado por uma histórica marginalização e extermínio de seus povos, e da natureza. Com a naturalização avassaladora e expansiva do agronegócio, a terra passa a ser moeda de troca e de poder. Não mais para viver e se produzir, mas todos seus bens naturais se tornam mercadoria.

Perde-se, assim, toda a sabedoria adaptativa milenar que essa população havia aprendido dos índios para viver na floresta. Os novos povoadores tudo ignoram; veem a floresta como obstáculo. Seu propósito é tomá-la para convertê-la em pastagens ou em grandes plantios comerciais. A eficácia desse modo de ocupação é de todo duvidosa, mas sua capacidade de impor-se é inelutável, mesmo a subsidiar grandes empresários estrangeiros, atraídos pela doação de imensas glebas de terra e com financiamentos a juros negativos dos empreendimentos que lançassem. (RIBEIRO, 1995, p. 308)

Uma alternativa contrária a esse modelo agrário e agrícola nacional, dominado pelo capital, baseado na monocultura e no latifúndio, está na construção de outro modelo, que permita a produção da agricultura camponesa, e de todos os povos do campo, tradicionais e originários, de maneira agroecológica, pois, mantêm uma relação equilibrada com a natureza, produzem cultura no campo, e cumprem um papel importante na produção de alimentos saudáveis, para toda a população. Ou seja, são alimentos produzidos sem veneno, respeitando os princípios fundamentais dos sistemas naturais, não degradando o solo, conservando as diversas formas de vida e, principalmente, em sintonia com o ecossistema.

Nesse processo de extinção do campo brasileiro, os povos do campo, promovem buscas por trocas simbólicas a partir do campesinato, lutam contra o monopólio e constroem possibilidades de recriação e reprodução, onde não é somente pela terra e renda, mas também por uma educação que viabilize seu processo de reprodução e que auxilie no embate contra a desterritorialização do capital no campo.



Nessa realidade, desfavorecendo o pequeno oprimido, sem território, e sem direitos, principalmente no campo, não é vista e nem pauta pelos grandes meios de comunicação no Brasil. Pelo contrário, o discurso da mídia é um discurso construído conforme seus interesses privados: “A mídia tradicional tem o poder de aliciar corações e destruir mentes. O radical não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar”. (FREIRE, 1982, p.38).

Nesse discurso midiático, não cabe discussões, sobretudo, do campo brasileiro e de seus povos. Como a mídia está representada e presente na sociedade e no cotidiano, tudo se reflete a partir dela, e em nossas ações, amansados, e ao mesmo tempo, manipulados criticamente. Assim sendo, as pessoas de um modo geral, a partir dos anos de 1990, são educadas para (e por eles) os meios de comunicação, pois, já nasceram nesse processo, e hoje, mais do que nunca, os jovens vivenciam esse tempo.

E o reflexo midiático na juventude, que em sua maioria, não tem reflexão questionadora, e uma leitura crítica da mídia, suborna-se, cegamente. “A mídia hoje mente constantemente, manipula, insulta e destrói o prestígio e a trajetória de quem cruzar seu caminho. Sua intolerância a qualquer poder legítimo e democrático que ousar tocar seus privilégios é absoluta”. (MORAES, 2013, P. 73). Denis de Moraes (2013), expressa qual é a missão real dos meios de comunicação desde sempre.

No geral, a missão dos meios de comunicação é a de domesticar as sociedades – ou, em outras palavras, a de “levá-las pelo bom caminho” -, mas os cidadãos estão percebendo que as benesses do poder midiático não passam de dissimulação e, assim, aceitando-o cada vez menos. (MORAES, 2013, P. 64).

Nesse sentido, as novas mídias digitais sociais independentes, de diversos seguimentos, principalmente de grupos e movimentos sociais ligados a juventude, buscam interlocuções nos espaços virtuais no ciberespaço, questionando e construindo informações contra hegemônicas e que pautam muitas vezes, a notícia da grande imprensa.

Com essa perspectiva, propomos aqui, reflexões a partir, do Curso Técnico em Agroecologia, do Projeto “*Juventude e Agroecologia*”: *formação participativa de jovens em práticas agroecológicas*



no Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho (2015-2016), do Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo – (GWATÁ), da Universidade Estadual de Goiás – (UEG), dentro da disciplina Comunicação e Novas Mídias Sociais, para jovens entre 15 a 29 anos, onde trabalhamos dentro de uma linha Freiriana: conceitos de comunicação, educomunicação, meios de comunicação no Brasil, redes sociais, cibercultura e liberdade de comunicar-se, comunicação e produção audiovisual, a utilização da imagem na prática pedagógica e na extensão rural, produção audiovisual, as etapas da construção da linguagem documental, e rádios comunitárias.

Portanto, metodologicamente, para além do referencial teórico, trazemos reflexões e considerações a partir da vivência coletiva com os alunos do curso técnico em agroecologia, estabelecendo ponderações embasadas na comunicação e nas mídias, sobre um olhar crítico ao sistema capitalista e as novas formas e construções das informações para uma democratização da mídia, e para o cidadão.

## **2. Relatos e vivências: para uma democratização da comunicação**

Reconhecendo que os meios de comunicação representam uma fonte poderosa de domínio e poder no mundo, a luta pelo direito à comunicação e expressão passa a ser um dos principais objetivos nas históricas lutas sociais pela compreensão, emancipação e libertação da sociedade. A criação de diferentes escolas e teorias de comunicação tem pretendido entender e reagir criticamente diante dos fenômenos midiáticos.

Nos anos 1960, por exemplo, o movimento tentou entender os fenômenos sociais e o seu funcionamento, o que de algum modo tentou identificar e culpar os agentes responsáveis pela dominação, entendendo os efeitos das mensagens e desenvolvendo uma leitura crítica dos meios de comunicação, para procurar compreender as consequências disso na economia, no consumo, na cultura, na indústria, na publicidade, etc. Enfim, entender criticamente a indústria cultural possibilitada pela globalização e a proliferação dos meios massivos de comunicação.



A criação da Escola latino-americana da comunicação desenvolve a necessidade de pensar a comunicação em conjunto com a educação, fortalecendo a formação crítica de audiências e uma leitura crítica dos meios, principalmente, da TV. Foi um movimento que se preocupou em estudar, analisar e entender os efeitos midiáticos das mensagens na construção da sociedade, e desenvolveu projetos de educação popular, formação de audiências, formação para os meios de comunicação. Desse modo, vinculou-se à educação para contribuir nessa formação, desenvolvendo principalmente propostas que, fortaleciam a capacidade de analisar criticamente os conteúdos midiáticos e de resistir a essa manipulação e invasão da indústria cultural.

Nos anos de 1970, os estudos na comunicação partem da leitura crítica e análise para começar a pensar a necessidade e as possibilidades de participação dos cidadãos na construção das mensagens. Diversos educadores e comunicadores promoveram o debate sobre a comunicação e a educação e preocuparam-se pela inclusão e valorização da comunicação no processo educativo como possibilidade participativa e dialógica.

Já a partir dos anos de 1980, começa se desenvolver principalmente no Brasil, mas também em toda a América Latina, a sistematização de práticas e pesquisas desenvolvidas em faculdades de comunicação e educação, sendo esse o início do reconhecimento de práticas educacionais dentro e fora das escolas. A comunicação, então, em qualquer curso de formação tem uma relevância maior à que normalmente é reconhecida.

Junto a todos esses questionamentos e reflexões, está o Curso Técnico em Agroecologia do Projeto “Juventude e Agroecologia”: formação participativa de jovens em práticas agroecológicas no Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho (2015-2016), que acontece na Escola Família Agrícola do Goiás (EFAGO), desde fevereiro de 2016, e tem como objetivo principal, promover a capacitação técnico-profissional em Agroecologia de 30 jovens rurais do Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho, contribuindo assim, para a construção da autonomia econômica e social da juventude rural na perspectiva metodológica da Pedagogia da Alternância.

Na perspectiva do método na Pedagogia da Alternância, a educação popular se torna mais ampla na construção de processos educativos libertadores para o campo, na qual, aparece como uma



estratégia pedagógica central, visando consolidar a relação entre trabalho produtivo e ensino, não desligando o educando da realidade vivenciada na sua concretude.

Desta maneira, a prática pedagógica se organiza a partir de um Tempo Escola e um Tempo Comunidade. Os educandos permanecem, assim, durante um determinado período em espaços formais de ensino e durante outro período em espaços cotidianos de formação, no contexto de sua família ou na comunidade.

O Curso Técnico em Agroecologia propôs formar de início, 30 jovens rurais, (atualmente são 25), em um período de dois anos de atividades, cumpridos na perspectiva da Pedagogia da Alternância, alternando tempo presencial, em Tempo Escola, e atividades à distância, em Tempo Comunidade. O regime de funcionamento é pautado em 10 encontros presenciais (Tempo Escola), e nove momentos de vivência comunitária (Tempo Comunidade).

Os 10 Tempos Escola são compostos por um período de 13 dias de formação, com 11 horas de atividades diárias, totalizando 1.430 horas.

O Tempo Comunidade, por sua vez, é composto por 10 etapas, estando cada uma delas composta por 70 horas, de atividades práticas dos conteúdos discutidos no Tempo Escola. A carga horária total do Tempo Comunidade é de 700 horas.

Em resumo, o Curso Técnico em Agroecologia é composto por uma carga horária Total de 2.100 horas de atividades, entre Tempo Escola e Tempo Comunidade.

Entre os quadros de Disciplinas que compõem a carga horária do curso, estão<sup>1</sup>: Tecnologias Digitais, Produção de Texto e Leitura, Comunicação e Novais Mídias Sociais, Arte e Cultura Popular, Metodologia Científica, Metodologia da Extensão, Educação Popular e Educação do Campo, Juventude e Políticas Públicas, Relações de Gênero, Formação Territorial Brasileira, Questão Agrária no Brasil, Bases Políticas e Científicas da Agroecologia, Legislação Agrária e Ambiental, Economia Solidária e

---

<sup>1</sup>O Curso Técnico em Agroecologia é desenvolvido com apoio do Projeto “Juventude e Agroecologia: formação participativa de jovens em práticas agroecológicas no Território da Cidadania Vale do Rio Vermelho (2015-2016)”, aprovado na Chamada Pública MCTI/MDA-INCRA/CNPQ Nº 19/2014 - FORTALECIMENTO DA JUVENTUDE RURAL. Disponível em: <[http://cnpq.br/chamadas-publicas?p\\_p\\_id=resultadosportlet\\_WAR\\_resultadoscnpqportlet\\_INSTANCE\\_0ZaM&filtro=resultados&detalha=chamada\\_Divulgada&idDivulgacao=5302](http://cnpq.br/chamadas-publicas?p_p_id=resultadosportlet_WAR_resultadoscnpqportlet_INSTANCE_0ZaM&filtro=resultados&detalha=chamada_Divulgada&idDivulgacao=5302)>. Acessado em 30 de setembro de 2016.



Cooperativismo, Políticas Públicas e Legislação dos processos produtivos camponeses, Processos de Produção da Agroindústria Camponesa, Cartografia Ambiental, Desenho Básico e Construções Rurais, Manejo e Recuperação de Áreas Degradadas, Introdução à Climatologia, Irrigação e Drenagem, Estudos das Estruturas, Manejo e Fertilidade dos Solos, Práticas Agroecológicas, Olericultura e Plantas Medicinais, Produção e Conservação de Sementes Crioulas, Fruticultura Agroecológica, Culturas Anuais e Perenes, Manejo agroecológico de organismos-praga e doenças, Zootecnia geral (Nutrição animal, Anatomia e Homeopatia), Bovinocultura de leite e corte, Forragicultura Agroecológica, Suinocultura, Avicultura, Apicultura, Piscicultura, Mecanização agrícola e Tecnologias Agropecuárias e Sociais para a agricultura camponesa, e Estágio Supervisionado, num total de 2.100 horas.

Dos mais variados profissionais que direcionaram as atividades teóricas e praticas do curso, ver foto 01 em anexos, destacamos camponeses(as), educadores(as), engenheiros(as), advogados(as), músicos(as), atores(as), antropólogos(as), biólogos(as), religiosos(as), filósofos(as), sociólogos(as), músicos(as), militantes(as) de movimentos sociais, geógrafos(as), médicos(as), jornalistas(as), agrônomos(as), arquitetos(as), ambientalistas(as), entre outros.

No curso técnico em Agroecologia, a comunicação foi inserida não só como uma disciplina específica, (Comunicação e Novas Mídias Sociais/ Carga Horária Tempo Escola – 40 horas/ Carga Horária Tempo Comunidade – 10 horas) e sim, como uma linha paralela a todo o processo educativo. Porém, no início do curso foi possível evidenciar que, embora os processos de troca de experiências e convivências sejam fundamentalmente um processo de comunicação, precisa ser fortalecida não só desde o reconhecimento e manuseio tecnológico, mas também, desde a criação e a coesão dos laços humanos.

Por outro lado, pensar a comunicação dentro de um curso em agroecologia poderia ser, para alguns, assuntos afastados um do outro, no entanto, no desenvolvimento do processo formativo, conseguiu-se reconhecer e evidenciar que contrário a isso, à comunicação é um elemento transversal na construção do caminho agroecológico. Primeiro, porque é importante desenvolver um pensamento crítico para entender como a grande mídia elabora os discursos, as mensagens e formatam as lógicas que regem hoje a produção e o consumo. E por outro lado, para entender que, agroecologia como uma



alternativa de vida, que inclui respeito e reconhecimento da natureza e dos outros seres vivos como iguais, não pode acontecer se, as práticas cotidianas de cada um dos sujeitos, não são transformadoras, possibilitadoras e criadoras desse outro mundo possível.

Por tanto, a disciplina vivenciada e ministrada por Dagmar Olmo Talga, Glória Patrícia Piedrahita Sarmiento, e Nilton José dos Reis Rocha, tem sido possível identificar as mudanças nos estudantes diante a sua posição crítica da mídia, evidenciando que no começo das aulas, tinham-se mentes com poucos filtros críticos nas informações recebidas, percebendo pouco ou nada as influências destes discursos nas construções sociais e individuais de cada sujeito. Porém, no decorrer do curso, ver foto 02 e 03, com o apoio da equipe de professores e de todas as pessoas envolvidas no projeto, evidenciam-se transformações nos estudantes não só quanto ao desenvolvimento da sua capacidade de análise crítica, mas também quanto à capacidade de produção de mensagens críticas, alternativas e contra hegemônicas.

Experiências possibilitadas no processo de formação, como a criação de um canal de rádio e TV *online*, usando os meios disponíveis como internet, potencializou e fortaleceu a vontade dos jovens de se tornarem sujeitos participativos e criativos do seu mundo.

Produto dessas oficinas de rádio e TV obtiveram-se matérias criadas e transmitidas por eles mesmos em meios digitais, que evidenciaram a importância de temas como, reconhecimento do jovem no campo, a importância da mulher nos processos agroecológicos, a importância de ter uma vida saudável. Inclusive, a importância do bom humor fez presença nas atividades, através de um programa de rádio chamado “Riso Caipira”. Esses produtos e outros que foram resultados da disciplina “Comunicação e Novas Mídias Digitais”, permitiram realizar um reconhecimento da importância da comunicação no movimento agroecológico, apropriando-nos da possibilidade de comunicar suas realidades, aquelas que normalmente são negadas no discurso das grandes mídias.

Essas práticas agroecológicas e comunicativas são eminentemente práticas de resistência e luta, ver foto 04, que continuam a fortalecer a utopia de um mundo melhor, de um mundo mais justo, equitativo e possibilitador de vida.





### 3. Algumas considerações

Evidencia-se uma preocupação e luta pelo direito à expressão e comunicação, que esteve presente de diferentes maneiras, desde a compreensão analítica e crítica dos fenômenos, até a participação na construção de mensagens. Segundo Marques de Melo (1986 p. 73) “Garantir a educação para todos, de boa qualidade, que permita aos cidadãos compreender o mundo em que vivem e adquirir habilidades para o desempenho cívico/profissional, constitui o fundamento do direito à informação”. Mas esse direito à informação e à comunicação concretiza-se não só no desenvolvimento da análise crítica das mensagens midiáticas, nem somente na capacidade técnica de produção, e sim, no desenvolvimento das duas competências, tanto técnica como analítica, em todos os sujeitos, independentemente dos cursos e das suas formações.

Como fazer comunicação com as novas ferramentas digitais ainda é um desafio, mas que se faz essencial na luta política. E essa luta ideológica, que se trava no ciberespaço nos dias atuais, ajuda a esclarecer e jogar luz sobre a luta de classes, sobretudo, a luta de classes no campo. É a tecnologia a serviço da classe trabalhadora, dos jovens, e da massa explorada pelo capital.

A grande mídia tradicional, que desde sempre, subjugou a capacidade da população em analisar criticamente as informações veiculadas nos grandes meios de comunicação, hoje pode ser rebatida, por sujeitos que publicam informações com grande alcance e velocidade nas redes sociais. E por mais que grande parte da população do campo, ainda que, não tenham acesso as redes sociais, cerca de 15% da população, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2016), acaba sendo atingida indiretamente por essas informações veiculadas, através de novos indivíduos formadores de opinião, que interagem e discutem novas frentes, e novos horizontes comunicacionais independentes. E para um breve término de um recomeço de luta, cito aqui nos poemas de Carlos Rodrigues Brandão (2016), acerca da esperança, de sonhos e buscas, representados aqui nos alunos e alunas do Curso de Agroecologia “Juventude e Agroecologia”, aqui nas terras dos Goyazes, “sigamos em frente, empoderados”.



*De terno, gravata e mentiras, eles são os que pensam que mandam e nos querem calar, e em silêncio silenciar, escutar, obedecer.*

*Mas eles são os 'senhores' que pensam, e a poeira da história os esquece.*

*E ficamos nós, os do povo, os com o povo, os que sabem que vivem por algo e os que ousem viver sem temor!*

*Os senhores de terno e gravata, quem recorda os seus nomes e feitos, e a impostura de suas bravatas, a não ser pra lembrar de esquecer?*

*Mas Ailton, Davi, Margarida e Josimo, Chico Mendes, Florestan, Braulino... e mais Lula e outros muitos do povo.*

*Povo índio, camponês, quilombola.*

*Quem esquece essa gente, esse povo, as mulheres e os homens que lutam contra o arbítrio e o mal do poder, e ao longo dos dias, dos anos, nos ensinam a viver sem temer?*

*Essa hora é escura, mas é agora o momento de contra o escuro ascender às luzes claras de nome esperança, e do chão levantar e se erguer!*

*Essa é a hora das ruas, da luta, de somar com a ternura, a coragem e o sentido, o valor e o sabor de quem sabe que a hora é agora.*

*Vamos juntos recriar a vida e da vida que há em nós renascer na cidade, no sertão, ou onde for, com ousadia, ardor, destemor, expulsar o medo, transformar o mundo e de mãos abertas, e de punho erguido vamos juntos viver sem temor.*

## **Referências**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Poesias*. 2016. Disponível em: <[www.folhasaovento-poesia.blogspot.com](http://www.folhasaovento-poesia.blogspot.com)>. Acesso em: Acesso em 30 de setembro de 2016.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira – Prefácio de Jacques Chonchol. 6ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Dados e Estatísticas da internet no Brasil*. 2016. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em 30 de setembro de 2016.

MELO, J.M. *Comunicação: direito à informação*. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

MORAES, Dênis de. *Meios de Comunicação: um poder a serviço de interesses privados?* In: MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.



RIBEIRO, Darcy, 1922 – 1997. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

## ANEXOS



**Foto 01:** Disciplina Educação Popular e Educação do Campo, ministrada pelo Antropólogo Carlos Rodrigues Brandão e a professora da Universidade Estadual de Goiás - UEG, Joyce de Almeida Borges. Foto: Dagmar Olmo Talga. Escola Família Agrícola – EFAGO. Cidade de Goiás/GO. 11 de julho de 2016.



**Foto 02:** Alunos do Curso Técnico em Agroecologia, durante a Disciplina, Comunicação e Novas Mídias Sociais, realizado na Escola Família Agrícola – EFAGO – Cidade de Goiás/GO. Foto: Gabriel Sebastião Ferreira dos Santos. 20 de abril de 2016.



**Foto 03:** Alunos do Curso Técnico em Agroecologia, durante a Disciplina, Comunicação e Novas Mídias Sociais, realizado na Escola Família Agrícola – EFAGO – Cidade de Goiás/GO. Foto: Gabriel Sebastião Ferreira dos Santos. 20 de abril de 2016.



**Foto 04:** Alunos do Curso Técnico em Agroecologia, durante a Disciplina Educação Popular e Educação do Campo, ministrada pelo Antropólogo Carlos Rodrigues Brandão e a professora da Universidade Estadual de Goiás - UEG, Joyce de Almeida Borges. Foto: Dagmar Olmo Talga. Escola Família Agrícola – EFAGO. Cidade de Goiás/GO. 11 de julho de 2016.